

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS – *CAMPUS BAMBUÍ*
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Fabiana Maria da Silva

**Literatura infantil e ativismo negro:
um olhar sobre a obra de Nilma Lino Gomes**

BambuÍ - MG

2026

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Fabiana Maria da Silva

**Literatura infantil e ativismo negro:
um olhar sobre a obra de Nilma Lino Gomes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto Federal de Minas Gerais, Campus
BambuÍ, como exigência parcial para obtenção
do certificado de Especialista em Educação
para Relações Étnico-raciais.

Orientador (a): Samira dos Santos Ramos

BambuÍ

2026

Catálogo na Fonte Biblioteca IFMG - Campus Bambuí

S586l Silva, Fabiana Maria da.
Literatura infantil e ativismo negro: um olhar sobre a obra de Nilma Lino Gomes. / Fabiana Maria da Silva. – 2026.
28 f.
Orientadora: Samira dos Santos Ramos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Bambuí, MG, Curso Pós-Graduação Lato Sensu em Educação para as Relações Étnico-Raciais, 2026.

1. Educação para relações étnico-raciais. 2. Literatura infantil. 3. Literatura negro-brasileira. I. Ramos, Samira dos Santos. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Bambuí, MG. III. Título.

CDD 306.089



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Bambuí
Diretoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
Coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação para Relações Étnico-Raciais
Fazenda Varginha, Rodovia Bambuí / Medeiros KM-05 - CEP 38900-000 - Bambuí - MG
37 3431-4900 - www.ifmg.edu.br

PARECER Nº 6

Interessado: À secretaria de Pós-graduação

Em 20 de janeiro de 2026.

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“Literatura Infantil e Ativismo Negro: Um Olhar sobre a Obra de Nilma Lino Gomes”**, de autoria da cursista da Especialização em Educação para Relações Étnico-raciais, **Fabiana Maria da Silva**, sob a orientação do profa. Ma. Samira dos Santos Ramos, foi aprovado pela Banca Examinadora de Defesa, em 18/12/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Lopes Lelis de Moraes**, **Coordenador(a) de Curso**, em 25/04/2026, às 14:14, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2700339** e o código CRC **FC6EA23F**.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as professoras e aos professores desta especialização que me forneceram todas as bases necessárias para a realização deste trabalho, em especial a minha orientadora Samira dos Santos Ramos, por ter aceitado acompanhar-me neste projeto. O seu empenho foi essencial para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do percurso.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

RESUMO

Este artigo insere-se na área da educação para as relações étnico-raciais, com interface nos estudos de literatura infantil negro-brasileira e no ativismo de mulheres negras. Tem como objetivo analisar as convergências e divergências entre o discurso teórico e o discurso literário presentes na produção de Nilma Lino Gomes, investigando de que modo temas como identidade negra, cabelo, ancestralidade e ativismo são construídos em diferentes gêneros textuais. O corpus da pesquisa é constituído por duas obras da autora: o livro infantil "*Betina*" (2009) e a tese de doutorado "*Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*" (2020). A pesquisa é de natureza qualitativa, desenvolvida em três etapas: revisão teórica sobre literatura negro-brasileira, literatura como direito humano e ativismo de mulheres negras; definição do corpus; e realização de análise de conteúdo, buscando compreender os sentidos e significados produzidos nos textos. Os resultados indicam que, embora ambas as obras dialoguem a partir de categorias comuns, especialmente cabelo, ancestralidade e identidade, cada uma cumpre funções distintas. A tese apresenta relatos marcados por dor, conflito e resistência na construção da identidade negra, enquanto o livro infantil recorre à fabulação para produzir narrativas afirmativas e afetivas, voltadas ao fortalecimento da autoestima de crianças negras. Conclui-se que a literatura infantil produzida por ativistas negras, longe de comprometer a qualidade literária, enriquece a narrativa, constituindo-se como instrumento político-pedagógico de enfrentamento ao racismo e de construção de memórias coletivas positivas sobre a população negra desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para Relações Étnico-raciais. Literatura Infantil. Literatura Negro-Brasileira. Cuti. Candido. Nilma Lino Gomes. Betina.

ABSTRACT

This article falls within the area of education for ethnic-racial relations, interfacing with studies of Afro-Brazilian children's literature and the activism of Black women. Its objective is to analyze the convergences and divergences between theoretical and literary discourse present in the work of Nilma Lino Gomes, investigating how themes such as Black identity, hair, ancestry, and activism are constructed in different textual genres. The research corpus consists of two works by the author: the children's book "Betina" (2009) and the doctoral thesis "Without losing the root: body and hair as symbols of Black identity" (2020). The research is qualitative in nature, developed in three stages: a theoretical review of Afro-Brazilian literature, literature as a human right, and the activism of Black women; definition of the corpus; and content analysis, seeking to understand the senses and meanings produced in the texts. The results indicate that, although both works engage in dialogue based on common categories, especially hair, ancestry, and identity, each fulfills distinct functions. The thesis presents accounts marked by pain, conflict, and resistance in the construction of Black identity, while the children's book uses storytelling to produce affirmative and affective narratives aimed at strengthening the self-esteem of Black children. It is concluded that children's literature produced by Black activists, far from compromising literary quality, enriches the narrative, constituting a political-pedagogical instrument for confronting racism and constructing positive collective memories about the Black population from childhood.

KEYWORDS: Education for Ethnic-Racial Relations. Children's Literature. Afro-Brazilian Literature. Cuti. Candido. Nilma Lino Gomes. Betina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 “COMEÇO, MEIO E COMEÇO”	13
2.1 Identidade, cabelos e racismo	13
2.2 Conceito de literatura negro-brasileira	15
2.3 Conceito de literatura como direito humano.....	15
2.4 Ativismo de mulheres negras e literatura.....	17
3 NAS RAÍZES DE BETINA.....	19
3.1 As vozes de Betina.....	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

1 INTRODUÇÃO

Sou um ser essencialmente político. A memória coletiva do povo negro é indelével, secular e intangível para o corpo que carrega as marcas herdadas pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, na dor que atravessa o ser pela vivência do racismo, sobre o território ocupado por esse corpo, no abandono social e por toda uma estrutura que determina como uma pessoa negra deve ser, viver e existir. Quando afirmo que sou um ser essencialmente político, é pela compreensão de que minha história é construída num contexto social de existência que tem sinônimo de exclusão, onde as decisões políticas, sociais e econômicas são estruturais e refletem nas escolhas individuais e coletivas de cada ser, consciente ou inconsciente, em diferentes contextos. Ao desenvolver consciência sobre esses elementos, começo então a realizar as minhas escolhas, sempre tentando me contrapor ao ideário colonial, as realizo a partir de como me vejo e de como me coloco nesse tempo, politicamente, a política perpassa então todo meu ser, *na origem e na memória, na trajetória e na permanência social*.

Na origem e na memória, entro em simbiose com tantas outras histórias existentes, nascida na favela de Santo Amaro, moradora de casa de palafita, em dias de chuvas ficávamos sujeito aos movimentos das marés com suas enchentes e vazantes, sem saneamento básico, sem ruas asfaltadas, com a família assistida por programas assistencialistas, expulsa para outros territórios num contexto de migração nordestina à procura de melhorias de vida, nessas idas e vindas, tinha uma única ideia na cabeça: estudar. Acreditava que no futuro eu teria uma vida diferente através do estudo. Cursei o magistério, ao mesmo tempo em que morava só e dava aulas em casa, em busca do meu sonho de menina, ser professora. Demarco aqui que as moradias da infância até o início da vida adulta eram sempre em locais sem investimento do poder público, sem banheiro, sem quartos, a título de registrar o racismo ambiental sofrido pelas comunidades negras e periféricas, da qual estou inserida.

Em 2001, passei no concurso público do município de Olinda, sendo nomeada em 2004. Um ano antes de tomar posse, torno-me mãe solo de uma menina negra. Passo a construir para ela perspectivas que minha família não pode entregar a mim, com a contribuição da educação, que me permitiu mudar as minhas condições iniciais de vida, começo a construir uma história um pouco mais digna de moradia e de viver, mas ainda sem sair dessa estrutura racializada que a sociedade impõe sobre os corpos negros.

De 2006 a 2010, curso o ensino superior em pedagogia, ao mesmo tempo em que trabalho, cuido da minha filha e da casa. Aqui registro a tripla jornada de trabalho que nós mulheres realizamos ao longo da vida, mas, para a mulher negra o caminho é mais doloroso, o

racismo nos atravessa, nos impedindo de continuar estudando, precisamos começar a trabalhar o quanto antes, para termos melhores condições de vida, para ajudar nas despesas da casa e/ou criar os filhos, constituímos família muito cedo. Sendo assim, muitas de nós param de estudar muito cedo, muitas nem chegam ao ensino médio.

Na trajetória e na permanência social, formei-me no chão da escola pública, no processo de ensinar e aprender, fiz-me professora, no ato de ver e se ver me tornei negra, nessa procura por mim, deixei meu cabelo natural, parar de alisar meus cabelos foi um marco, através deles senti o poder do significado de assumir a minha negritude e da devastação do racismo, que tinha meus cabelos como protagonista e algoz, assim fui tomando consciência que desde criança o racismo também me atravessava. Pelos cabelos, enegreci. Enegrecer não foi fácil, porém foi libertador.

Em 2012, torno-me cofundadora do Cineclube Bamako, primeiro cineclube Pernambucano a exibir filmes africanos e da diáspora negra, acolhida pelo movimento negro, fortalecida, entendi-me enquanto um corpo negro coletivo. Após anos de estudos e pesquisas sobre negritude e audiovisual, em 2019 realizei um documentário de curta metragem, que trazia as vivências de educadoras negras, participantes dos projetos realizados na escola onde eu trabalhava, após perceber que a comunidade escolar precisava de vivências antirracistas para refletir sobre seu lugar no mundo e/ou seu fazer pedagógico. O filme foi realizado com intuito de promover a campanha de financiamento coletivo realizada para viabilizar a produção do livro, ‘Cabelos de Redemoinhos’, que é uma poesia ilustrada, que traz a origem e valorização dos cabelos cacheados e crespos, tem o intuito de promover o autorreconhecimento da população negra, seja para as crianças de hoje, seja para as crianças de ontem que não puderam ter seus redemoinhos ao ar livre, é um livro para as negritudes e as infâncias, sendo lançado três anos depois, em novembro de 2022.

Em 2022, realizo a produção e codireção do documentário de curta metragem ‘Joab Jó Malungo Jundiá – Mestre de Capoeira Angola’, que se desdobra num documentário de média metragem, ‘Do Mukumbuko ao Mikoko’, registro audiovisual da trajetória do mestre de capoeira angola, Joab Jó Malungo Jundiá, lançado em 2025. Nesse mesmo ano, realizei o lançamento do meu segundo livro, ‘Tóin-tóin’, um conto que narra a história de uma menina negra que procura em sua aldeia bonecas negras para brincar, livro construído após a realização de um projeto educacional em sala de aula. Em 2026, assino a produção, roteiro e direção do documentário, ‘A roda’, registro audiovisual da importância da roda de capoeira para seus praticantes e de como ela transmite a circularidade, inerente às manifestações de origem negra,

não tendo fim, pois acaba-se uma roda e muitas outras virão depois da última, estando em fase de produção.

Em 2024, ingressei na Especialização Educação para Relações Étnico-Raciais – IFMG, Campus Bambuí, onde fui provocada por minha orientadora a pesquisar as convergências e divergências entre os discursos teóricos e literários de autoras negras que são ativistas do movimento negro e que escrevem para as infâncias. Aprofundei-me nos escritos acadêmicos e literários de Nilma Lino Gomes, ativista negra, professora e estudiosa das questões étnico-raciais, que tem contribuído significativamente para os estudos sobre educação e diversidade étnico-racial.

Neste trabalho, analisamos a obra literária infantil *Betina* e a obra teórica *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, ambas de Nilma Lino Gomes, comparando as convergências e as divergências entre os discursos teóricos e literários sobre ancestralidade, valorização da identidade negra, abordagem de questões como o cabelo e a identidade, perguntando-nos se a literatura infantil escrita por ativistas pode apresentar uma abordagem mais autêntica e engajada, promovendo uma reflexão crítica desde a infância. No entanto, é crucial considerar quais elementos podem ser percebidos quando a literatura infantil é escrita por ativistas, se o fato de serem ativistas interfere na qualidade dessa literatura, se essa abordagem compromete ou enriquece a narrativa e o desenvolvimento das histórias.

Este estudo busca, portanto, contribuir para o entendimento das interseções entre literatura, ativismo e identidade racial, destacando a importância de vozes negras na construção de narrativas decoloniais que desafiam e transformam a sociedade.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, já que, conforme Minayo, Deslandes e Gomes (1994, p. 22), “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A metodologia da pesquisa foi constituída por 3 fases. A primeira, de revisão teórica, consistiu em um estudo do referencial teórico, para que fosse possível delimitar os principais conceitos e categorias a serem utilizados na pesquisa, como ativismo, literatura infantil, identidade, ancestralidade e resistência. De acordo com Noronha e Ferreira (2000), a revisão teórica é uma etapa fundamental na produção acadêmica, especialmente em teses e dissertações, pois sistematiza a análise crítica das informações existentes com o objetivo de fundamentar teoricamente o trabalho de pesquisa.

Em seguida, definimos a amostragem. A escritora/ativista negra Nilma Lino Gomes e duas de suas obras que constituíram o *corpus* da pesquisa. Conforme Minayo, Deslandes e Gomes (1994, p. 43), a definição de amostragem na “pesquisa qualitativa não se baseia no

critério numérico para garantir representatividade”. Logo, é significativo investigar o problema apresentado de forma profunda e complexa na obra literária infantil *Betina* e do livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, ambas de Nilma Lino Gomes, sendo possível replicar o estudo e análise em outras escritoras com o mesmo perfil.

Por fim, realizamos o estudo literário e a análise de conteúdo, pois a pesquisa tentou compreender as mensagens contidas nos textos, sentidos e significados, como afirma Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 110):

Análise de Conteúdo é um método importante na pesquisa qualitativa, já que busca analisar os sentidos e os significados das comunicações, considerando tanto as condições de quem produz a mensagem (o emissor e seu contexto), quanto de quem a recebe e os efeitos que ela produz, a fim de melhor compreender e interpretar a realidade.

Logo, este artigo está organizado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção “Começo, meio e começo” serão apresentados os principais conceitos teóricos: literatura negro-brasileira; literatura como direito humano; ativismo de mulheres negras e literatura. No capítulo “Nas raízes de Betina”, desenvolvo a comparação entre os textos teóricos e literários de Nilma Lino Gomes, a tese de doutorado *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* e o livro infantil *Betina*, considerando as categorias ancestralidade, cabelo e ativismo de mulheres negras.

2 “COMEÇO, MEIO E COMEÇO”

Nomeio esta seção com a frase de Nego Bispo, pois acredito que a teoria defendida por ele é basilar para as ações inerentes à população negra. Trataremos aqui de identidade, cabelos e racismo; literatura negro-brasileira; literatura como direito humano; e ativismo de mulheres negras e literatura, conceitos que estão na circularidade do fazer ancestral do povo negro.

2.1 Identidade, cabelos e racismo

Desde o início da invasão das terras que ocupamos hoje, os colonizadores construíram referências negativas sobre o corpo, cabelos, símbolos e histórias de pessoas negras, sendo promovido ao longo do tempo um apagamento histórico das contribuições dessa população para formação da sociedade brasileira, assim foi construída uma memória coletiva sobre o povo negro inundada de signos e significados racistas. Assim, como uma pessoa negra terá orgulho em si reconhecer pertencente ao povo negro? Segundo Grada Kilomba: “Uma pessoa apenas

se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que tem o poder de definir como “normal” (Kilomba, Memória da Plantação, p. 128).

No âmbito da estética, muitas mulheres negras foram forçadas a desracializar o sinal mais significativo da racialização, os cabelos cacheados e crespos, alisar seus cabelos se tornou imperativo, pois quando os seus cabelos estão ao natural o racismo é violento, mas esse processo de ter de fabricar sinais de branquitude, alisar os cabelos e tentar se encaixar em padrões brancos de beleza a fim de evitar humilhação pública, também é uma ação violenta para a subjetividade da identidade negra (Kilomba, 2019).

Todas as ações de resistência da população negra desde que foi sequestrada de África até chegarmos ao Movimento Negro fundamentaram o ponto em que nos encontramos na atualidade. Foi a partir dessas ações que foi possível conseguir a promulgação da Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003; a Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008, e tentar transformar a realidade na sociedade e no espaço escolar. Infelizmente a escola ainda é um lugar onde pessoas negras experienciam situações racistas diariamente, corpos e cabelos de meninos e meninas negras ainda são motivos de “brincadeiras” racistas, tornando-as vítimas e reféns de uma sociedade que as colocam à margem, tirando o seu direito de ter identidade. Junto às leis citadas, também vieram todo um arcabouço legal, assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Resolução CNE/CP nº 01/2004); a Lei Federal nº 12.288, de 20 de julho de 2010 (Estatuto da Igualdade Racial); a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ). Assim, após muita luta, é possível perceber que hoje crianças negras de várias idades começam a cada dia mais cedo a usar seus cabelos naturais, libertando-se dos padrões impostos pela sociedade.

Esse conjunto de ações garantiu que ao longo dos anos fossem desenvolvidas atuações antirracistas em diversas áreas da ciência, da cultura, da história... e da literatura, escopo desse artigo, que possibilitaram uma construção coletiva sobre corpos negros a partir de referenciais positivos. Poderia aqui elencar diversos livros da literatura infantil da última década que apresentam de forma positiva o povo negro e sua história. Mas mesmo com todo esse avanço ainda nos deparamos com ações truculentas realizadas contra corpos negros e toda a sua subjetividade, com isso precisamos continuar a construir possibilidades de resistências e enfrentamentos, pois desde que fomos sequestrados de África e invadidos em Pindorama, que nunca deixamos de lutar.

2.2 Conceito de literatura negro-brasileira

*“A literatura é um fazer humano.”
(Cuti, 2010, pág. 13)*

Cuti (2010) sistematiza o conceito de literatura negro-brasileira como um espaço de resistência e autoafirmação, em uma produção que emerge da experiência histórica e cultural da população negra e que se compromete com a denúncia do racismo

Cuti, conforme a epígrafe, nos provoca a entender o quanto do humano há na literatura, com isso, reflete e influencia as relações sociais, culturais e ideológicas. Para ele, “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (Cuti, 2010, p. 12). Muitos escritores negros, ao longo da história, optaram por não se declarar explicitamente negros em seus textos (eu-lírico), buscando maior aceitação social e literária. Porém muitos outros escritores e escritoras negras usaram o seu eu lírico e sua literatura para denunciar e escancarar o racismo. Portanto, a literatura negro-brasileira destaca a produção de autores negros e suas obras, onde abordam temas relacionados à identidade, cultura, história e vivências da população negra no Brasil, buscando desconstruir estereótipos racistas, afirmar a subjetividade negra e promover uma visão crítica sobre as relações étnico-raciais. A literatura negro-brasileira, entretanto, surge como uma forma de resistência, revelando a subjetividade negra e enfrentando o racismo estrutural.

Para Cuti, atrelar a literatura negro-brasileira a literatura africana, traria o não questionamento da realidade brasileira de combate ao racismo, pois a literatura africana não combate o racismo brasileiro e não se assume enquanto negra. A luta contra o racismo pode ter mudado de estratégia, mas continua sendo travada metaforicamente por escravizados e escravizadores. “Por isso, dizer-se negro e posicionar-se como tal no âmbito do texto é importante no contexto da literatura brasileira” (Cuti, 2010, p. 71), por isso que este artigo não se refere ao termo afro-brasileiro como categoria textual.

2.3 Conceito de literatura como direito humano

Antonio Candido (1988) entende a literatura como um espaço de humanização que permite ao indivíduo compreender o outro, refletir sobre a realidade e reconhecer-se como parte dela. No contexto da literatura negro-brasileira, esse direito assume uma dimensão política ainda mais profunda, pois garante às crianças negras o direito de se verem representadas de forma digna, diversa e afirmativa.

Nas mediações de leitura realizadas com o livro infantil “Cabelos de Redemoinhos”, percebi que a literatura não é só matéria escolar, é arte, como arte que é, tem o poder de tocar de forma diversa cada corpo que entra em contato com ela, com ajuda dela podemos fabular e com isso conceber possibilidades decoloniais para crianças negras, construir estereótipos positivos sobre os cabelos e corpos de pessoas negras, estabelecer novas perspectivas, ampliar horizontes, dar vazão a tantos sentimentos presos em nosso ser.

Sendo então, apresentada aos estudos de Antônio Cândido, crítico literário, sociólogo, professor, para ele “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Cândido, 1988, p. 172).

Cândido defende que a literatura é um bem incompressível, levando em consideração a organização justa da sociedade, e também destaca que a literatura pode ser um instrumento de desmascaramento das injustiças sociais, ao expor situações de restrição ou negação de direitos, como a miséria e a opressão. Também define que a literatura é uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (Cândido, 1988, p. 174), e continua: “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Cândido, 1988, p. 174).

A literatura é uma necessidade universal, constitui um direito. Sem a literatura, talvez não haja equilíbrio social, pois esta é um fator indispensável de humanização, confirmando ao homem a sua humanidade, tornando-se um instrumento importante para instrução e educação, trazendo valores que podem ser desconstruídos, fortalecidos, ressignificados, esquecidos, tornando-nos capazes de viver dialeticamente, a literatura é uma necessidade universal, essencial para a humanização, pois organiza os sentimentos e a visão do mundo, libertando o ser humano do caos e contribuindo para o seu amadurecimento.

Se a literatura faz parte da existência humana, se é impossível viver sem fabular, seja por sonhos, leitura, contos, poesias, canções populares, limeriques, cordel, etc. Se a literatura apresenta: 1) Construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) Forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) Forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.” (Candido, 1988, p. 176). Porque não se utilizar desses elementos para possibilitar uma memória coletiva sobre o povo negro que o dignifique e o transforme em protagonista de sua própria história?

Candido afirma que para que haja efeito da ação literária precisa-se que esses três aspectos hajam simultaneamente. A relação entre objeto (1) e significado (2) se dá de forma direta e intencionalmente pela construção poética de cada escritor, aumentando assim a nossa

capacidade de ver e sentir, podendo ser uma aquisição consciente de noções, emoções, sugestões, mesmo que muitas delas se processe na camada do inconsciente (3) (Candido, 1988). Sendo assim, Candido conclui que a literatura é uma necessidade universal imperiosa, e sua fruição, nas mais diversas formas de existir, deve ser acessível a todos, e que uma sociedade justa deve garantir essa igualdade de acesso como parte da luta pelos direitos humanos.

A literatura para Cândido correspondia a uma necessidade universal, que precisa ser usufruída sob o risco da mutilação da personalidade, pois forma os sentimentos e organiza a visão de mundo, nos libertando do caos, portanto nos humaniza. Negar essa fruição é um ato de mutilação da nossa humanidade. A literatura pode e precisa ser um instrumento consciente de luta social, de denunciar restrições e negações de direitos, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual, incluo aqui a literatura como forma de denúncia do racismo e da construção de representações da população negra de forma positiva. Portanto, a literatura tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

Candido também elenca que a sociedade brasileira divide os níveis de literaturas considerando qual camada da sociedade pode fruir dela. Separa então a literatura por classes sociais, restando às classes populares a literatura de massa, pois são impedidos de ter acesso às obras eruditas. O professor defende que não haja impedimento, que seja feita uma divisão equitativa de bens, pois só numa sociedade igualitária, onde haja um esforço real de igualitarização, é percebido um aumento significativo do hábito de leitura, difundindo assim as obras literárias.

2.4 Ativismo de mulheres negras e literatura

Aqui começo pedindo kolofé às nossas antepassadas, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus... Mulheres que, com suas vozes, retrucaram as autoridades, escreveram novas formas de existir e de se colocar no mundo, com suas palavras ousaram denunciar o racismo, as opressões, tudo isso num tempo em que elas não poderiam nem usar suas vozes, quanto mais confrontar as vozes do patriarcado e do sistema racista. Falar das mulheres negras ativistas que escrevem literatura infantil, também é falar das mulheres negras que pavimentaram o caminho para que chegássemos até os dias atuais, somos ecos de uma luta anterior a nós.

Conceição Evaristo (2003) propõe o conceito de escrevivência, ao afirmar que a escrita das mulheres negras nasce da vivência e da ancestralidade, transformando a palavra em um ato de resistência e reconstrução de si. Também outras autoras negras feministas — como bell

hooks (2017), Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2019) e Patricia Hill Collins (2019) — contribuem para compreender a escrita de autoras negras como parte de uma tradição de ativismo intelectual e afetivo, na qual a escrita é um ato político e pedagógico.

Luiza Bairos (1995), em seu texto *Nossos Feminismos Revisitados*, relata o que “a afro-americana Patricia Hill Collins consegue desvendar uma longa tradição feminista entre mulheres negras com base no pensamento daquelas que desafiaram ideias hegemônicas da elite masculina branca expressando uma consciência sobre a intersecção de raça e classe na estruturação de gênero. Tal tradição constituiu-se em torno de cinco temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro: 1) O legado de uma história de luta; 2) A natureza interligada de raça gênero e classe; 3) O combate aos estereótipos ou imagens de controle; 4) A atuação como mães professoras e líderes comunitárias; e 5) A política sexual.

Foi sobre esses temas que as mulheres negras em diáspora construíram suas narrativas de lutas e resistências, com o propósito de humanizar esses corpos que historicamente foi explorado pelos homens brancos, pelas mulheres brancas e pelos homens negros.

Parafraseando bell hook, falo das mulheres que construíram suas identidades pela resistência, pela luta, pelo ativismo, mulheres que ousam continuar a reação de resistência apesar de todo racismo que vivem cotidianamente, que persiste na sociedade. Para tanto, a literatura infantil é utilizada para realizar registros das suas histórias, dos seus ritos de passagem em busca de si, das suas subjetividades e de suas lutas. A fabulação como estratégia para plantar sonhos, perspectivas e novas formas de existir que não sejam pelo viés do sofrimento que o racismo acomete tantas crianças, no passado e no presente. Apesar da dor, trazem leveza, apesar do ódio, transferem amor, apesar da dúvida, plantam certezas, com compreensão política dos percalços do existir negro, assim, escritoras ativistas negras vão traçando um futuro possível diante de tantas impossibilidades.

No entanto, aprender sobre essas mulheres que ousaram afirmar suas subjetividades radicais é parte da autorrealização da mulher negra. O poder, a identidade, a subjetividade radical não podem ser alcançadas no isolamento. Mulheres negras precisam estudar as obras críticas e autobiográficas daquelas mulheres que desenvolvem seu potencial e escolheram ser sujeitas radicais (hooks, 2019, p. 119).

Ao trazer essa afirmação de hooks para o escopo dessa pesquisa, ousou afirmar que crianças negras precisam ler, estudar e aprender sobre mulheres negras ativistas sociais e suas obras literárias, para poder fortalecer suas identidades e subjetividades, através de suas

vivências, no percurso de dois tempos que se inter cruzam no hoje, compreendendo o hoje como construção do ontem da mesma forma que o amanhã é o resultado de hoje.

Mulheres negras, particularmente aquelas que escolheram ser sujeitas radicais, podem se mover em direção à transformação social que irá abarcar a diversidade de nossas experiências e necessidades. Transmitindo coletivamente nossos conhecimentos, nossos recursos, nossas habilidades e nossa sabedoria de uma para outra, criamos um novo local onde a subjetividade negra radical pode ser nutrida e sustentada (hooks, 2019, p. 125).

Assim as mulheres negras continuam pavimentando estradas para as mais novas pisarem e seguirem com mais leveza do que a geração anterior, sendo assim netas das antiguidades e avós dos amanhãs, semente, árvore e fruto do tempo.

3 NAS RAÍZES DE BETINA

Nesta seção comparamos os textos teóricos e literários de Nilma Lino Gomes, a tese de doutorado “*Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*” e o livro infantil “*Betina*”, considerando as categorias ancestralidade, cabelo e ativismo de mulheres negras.

A intenção inicial era dividir o estudo em categorias: Cabelos; Ancestralidade; e Ativismo. Porém durante a análise, observou-se que tanto no livro infantil *Betina* e no livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, essas categorias se apresentaram complementares, não sendo viável segmentá-las, já que não era possível delimitar onde uma começa e a outra termina. O cabelo perpassa toda a narrativa tanto da tese quanto do livro infantil; a ancestralidade se apresenta mais fortemente no texto literário, uma escolha estética da autora. Na tese, evidencia-se que, mesmo que os participantes não tenham relatado, o ato de trançar os cabelos foi ensinado entre gerações, porque quem aprende algo aprende de alguém. Sabedorias que se inter cruzam na diáspora africana. Por fim, o ativismo que se torna característica inerente de quem nasce preto nesse país, seja pelo ativismo político ou só pelo fato de se posicionar contra o racismo, o corpo negro é racializado desde a concepção. São conceitos diversos que se inter cruzam na circularidade do ser negro.

E como as fronteiras já eram difusas, optei por aprofundar essa escrita nos interstícios, ao apresentar os resultados do estudo literário e da análise em forma de ensaio, entre o científico e o literário, entre Nilma Lino Gomes e eu.

3.1 As vozes de Betina

Na troca dialética entre educação e movimento negro, trilhei minha formação acadêmica e política, tornando-me uma eterna contestadora da sociedade racista, realizando projetos sobre negritude através da valorização do uso do cabelo natural por crianças e adolescentes, sendo então apresentada aos escritos da professora e pesquisadora Nilma Lino Gomes, pois ela tratava desse assunto em sua tese de doutorado e lê-la poderia me ajudar nas construções dos projetos, confesso que acabei não lendo. Anos se passaram, após lançamento de meu livro “Cabelos de Redemoinhos”, achei na livraria o livro infantil de Nilma Lino Gomes, “Betina”, que numa leitura superficial vi que tratava de cabelo crespo, tranças e salão de beleza.

Comprei o livro e li num respiro só, fiquei encantada, pois eu acreditava que o livro infantil Betina era o resumo da tese dela para as crianças, e isso foi me incomodando, na realidade a curiosidade foi batendo, então decidi comprar o livro que traz a tese de doutorado dela “*Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*”. Mas não a li, acabei deixando pra depois.

Cheguei nesta pesquisa cheia de expectativas, pois iria finalmente ler a tese de doutorado de Nilma Lino Gomes, promessa de leitura antiga, mas nunca cumprida. Começo a leitura e foi susto em cima de susto, num primeiro momento quase que a minha teoria seria afirmada, que o livro Betina era o resumo da tese de doutorado dela para o público infantil, mas com o avançar das leituras percebi que essa ideia não representava a profundidade de ambas leituras, aos poucos a minha visão encantada caiu por terra. Mas, por favor, não ache que com isso a qualidade do livro ou da tese são menores, muito pelo contrário, eles acabaram se potencializando dentro da função que cada um tem. Vamos à explicação.

Fiquei muito satisfeita, ainda estava apegada a minha teoria romântica, quando descobri que na tese uma das entrevistadas tem o nome Betina, até achei que o livro era o relato da história dela, achei mesmo, no duro. Mas não é!

Nas primeiras folhas do livro Betina, deparamo-nos com a personagem Betina, uma menina negra com os cabelos trançados, alegre, que gosta de brincadeiras populares como pular corda e fazer estrelinhas, e tem a avó a observá-la pela janela da casa. A avó é uma senhora negra também com os cabelos trançados, aparenta estar feliz por ver a neta brincando.

O texto começa com as reclamações da menina Betina, por causa de algumas puxadas que a avó dava em seus cabelos na hora de trançar: “- Ai! Ui! Vó! - reclamava a menina” (Lino, 2009, p. 6).

A avó fazia esse processo com muito cuidado, amor, mas, mesmo fazendo com bastante carinho, ainda assim doía um pouco, segundo o relato de Betina. “- Oh Minha querida! Apesar de saber que não tem jeito de evitar uns puxãozinhos, a vovó penteia o seu cabelo com muito carinho” (Lino, 2009, p. 6). Mesmo com esses incômodos, Betina e a avó tornavam esse dia muito especial, era o dia de fazer um penteado novo.

Esse relato de vivência tão próxima com a avó e dessas vivências positivas sobre os cuidados com seus cabelos, presentes no livro Betina, não estão presentes na tese. Mas quem sabe vão existir algumas histórias no futuro quando as participantes de pesquisas como a desenvolvida por Gomes se tornarem avós. Quem sabe a Betina do livro infantil inspira a Betina da tese a ser a avó de uma menina negra que ama seus cabelos e suas tranças. Será?! Fico na expectativa que sim, pois construir histórias coletivas positivas para nossas crianças é um ato político.

Ao continuar a leitura da tese de Nilma Lino Gomes, encontro mais informações que não confluem com o livro infantil. Enquanto registro do ato de pentear e trançar os cabelos de Betina pela avó é um momento de aproximação, cuidado e fortalecimento da relação da criança com seus cabelos, os relatos na tese são de dor e frustrações, pois na infância os participantes da pesquisa tinham uma relação com seus cabelos conflituosa, pois passaram por alisamentos acidentais, alisamentos propositais e traumas na hora de pentear, a família que fazia essa intervenção.

A minha mãe sempre gostou de fazer penteados, de fazer topete, de fazer aqueles coquinhos... além das tranças. Ela fazia sempre algo diferente, alisava o cabelo da gente à quente, antes. Depois é que nós passamos a alisar com pasta, surgiu a pasta Ebanon... A partir do momento que eu alisei ficou pior ainda... O produto químico é muito perigoso, ele destrói o cabelo, se não tiver tratamento. O meu cabelo quebrou todo, ficou vermelho, aqui uma parte caiu, outra parte... (Gomes, 2020, p. 109).

Porém, após as escolhas profissionais de cuidar de cabelos de pessoas negras, através dessa vivência, as pessoas entrevistadas conseguiram ter o fortalecimento da identidade negra. A construção da subjetividade da pessoa negra, muitas vezes, se dá pelos processos de construção social, historicamente construído pela resistência negra e pelo movimento negro, mas locais como salões de beleza afro também são espaços de fortalecimento dessa identidade que foi arrancada historicamente pelo racismo.

Em relação a descrição de Betina na tese a autora faz da seguinte forma:

A imagem que construí de Betina é a de uma mulher negra alta, forte e sorridente... Sua pele, muito fina, não se esconde atrás de nenhuma maquiagem. O máximo que já a vi usar é um batom discreto... O cabelo é quase inexistente. Ela o raspa com uma máquina e ainda pinta de vermelho. Possui um olhar firme, fala segura, jeito agitado, brincalhão e uma simpatia de sorriso. (Gomes, 2020, p. 58).

Quando a Betina do livro infantil é retratada pela ilustração em sua fase adulta – pois na estrutura textual não se encontra descrição da personagem, ficando a cargo da ilustração – tem exatamente essas características, tirando só o fato que o cabelo da Betina do livro infantil está muito bem trançado.

Imagem 1 – Ilustração de Betina na vida adulta



(Gomes, 2020, p. 19)

Outro aspecto que chamou minha atenção é que, no livro infantil, Betina se torna cabeleireira após a avó decidir que iria lhe ensinar a neta tudo que ela sabia sobre trançar cabelos. E assim começa a aprendizagem de Betina ainda na infância. Quando a avó de Betina parte ao encontro dos seus ancestrais, Betina está na adolescência e começa a trabalhar trançando os cabelos de todos que a procurava.

Na tese de Nilma, a Betina de lá, começa sua jornada de trabalho como manicure e se apaixona por cortar cabelos crespos, recebendo ajuda da mãe para abrir seu primeiro salão de

beleza. E essas são as únicas coisas que unem a Betina do livro infantil e a Betina da tese. Continuo a minha leitura da tese e me deparo que a seguinte afirmação:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensar que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância (Gomes, 2020, p. 201).

É aqui que percebo a escolha dela de retratar no livro infantil, uma vivência positiva sobre esses rituais de cuidados capilares, se utilizando da relação de neta e filha, com isso fica nítido que o objetivo do texto é redefinir, ressignificar tais vivências, mesmo sabendo que em algumas famílias essa relação de cuidado exista, porém não é a realidade da maioria das crianças negras.

Os relatos de dor e sofrimento sobre os cabelos das pessoas pesquisadas continuam ao longo das páginas do livro, são relatos potentes, principalmente porque a pessoa negra é destituída do lugar de beleza, de elogio, de cuidado.

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negro uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer. Esse processo vivido num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra (Gomes, 2020, p. 143).

O livro Betina em seu texto traz um cuidado estético da representação do corpo negro, do ato de trançar e da relação de avó e neta, que fica bem evidenciado na descrição da menina no reflexo do espelho: “Do outro lado sorria pra ela uma menina negra, com dois olhos grandes e pretos como jabuticabas, um rosto redondo e bochechas salientes, cheia de trancinhas com bolinhas coloridas nas pontas” (Lino, 2009, p. 8). E assim Betina fica feliz com seu reflexo ao espiar as novas tranças, ficando vibrante de alegria e beijando a avó como agradecimento, chegando a até sufocar. Nesse instante apresenta-se a mãe de Betina, que não é descrita e nem retratada nas ilustrações do livro, mas tem uma fala repreendendo as duas pelas criancices, sua participação fortalece o enredo de ancestralidade do livro, que retrata a relação entre avó e neta.

O texto também trata da percepção das pessoas sobre Betina. Na narrativa, as tranças de Betina eram feitas com cremes muito cheirosos e quando sai na rua recebe elogios. Quando

chegava na escola, era sempre uma novidade, arrancando elogios da professora, até ela declarar de forma orgulhosa que tinha sido a avó dela que tinha feito as tranças.

Assim, a narrativa também traz valor informativo, ao usar o diálogo de Betina e as colegas na hora do recreio para explicar o processo de como eram feitas as tranças em detalhes, sobre as emendas, como fazer, onde comprava, sobre as atrizes que usavam, sobre o fato das tranças com emendas serem usadas por homens e mulheres.

Mas mesmo enfatizando ações positivas sobre o corpo e cabelo de Betina na narrativa do livro infantil, a autora, faz o registro, ainda que sem se aprofundar sobre as crianças que demonstraram seu descontentamento sobre os cabelos de Betina, que podemos interpretar como dificuldade de aceitação, desconhecimento cultural ou até mesmo preconceito, o ato do não gostar do cabelo, não justifica a ação de puxar os cabelos de Betina quando ela estava distraída: “Mas havia também que não gostasse das tranças de Betina Menino e menina que tossiu o nariz e puxavam as tranças da garota quando ela estava distraída” (Gomes, 2009, p. 12).

Como o relato do livro é sobre a relação positiva que Betina tem com seus cabelos, a autora fez a escolha de não evidenciar o racismo, mesmo não evidenciando deixar relatado o preconceito de algumas crianças, sobre as tranças de Betina. Com a identidade negra fortalecida pela avó, Betina tem resposta às provocações dos colegas: “Para com isso! Tá com inveja, é?! Se quiser, peço a minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também” (Lino, 2009, p. 12) demonstrando, assim, que ela tem uma estima muito bem trabalhada e fortalecida, pois ações de racismo não a faziam ficar triste com sua aparência.

Assim, Betina e a avó construíram uma relação de respeito e muito cuidado. Com o passar do tempo, a avó dela envelheceu e quando Betina estava crescida, a avó dela falou: “ - Betina, sinto que, daqui a pouco tempo, vou me encontrar com os nossos ancestrais (Gomes, 2009, p 14). E explica a ela o significado de ancestral:

São pessoas que nasceram bem antes de nós e já morreram. Algumas nasceram aqui mesmo, no Brasil, e outras viviam numa terra bem longe, chamada África. Elas nos deixaram ensinamentos e muita história de luta. A força e a coragem dessas pessoas continuam até hoje em nossas vidas e na história de cada um de nós (Gomes, 2009, p. 14).

Como Betina é muito apegada a sua avó, pergunta se ela poderá ir junto, pois não queria que ela fosse sozinha, mas a avó lhe explica com um sorriso e um carinho, que ela precisaria ficar pra viver e ensinar muitas outras pessoas e que um dia ela iria ao encontro dela. Mas que essa partida não seria agora que elas ainda teriam bastante tempo e nesse tempo ela queria dar um presente a neta: “- Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que

chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com o seu cabelo e sua aparência” (Gomes, 2009, p. 16). Nesse instante consigo fazer a interligação entre a Betina da obra infantil e a Betina da tese, já que Nilma Lino Gomes relata que Betina deixa explícito o seu projeto de afirmação da identidade negra, proposta política que o nome do salão, Beleza Negra, enuncia.

Desde então a avó passou dias, horas, minutos e segundos dedicada a ensinar a sua neta a trançar os mais belos trançados que ela sabia, e Betina a cada dia trançava melhor, trançando os cabelos de todos ao seu redor até o da sua avó. Nesse trecho do livro, voltamos para a fabulação, pois a tese não traz relatos de que seus participantes tenham aprendido a trançar com tanto amor, cuidado e carinho, fabulação a meu ver necessária para nossas crianças, pois segundo Candido (1988), não podemos viver sem fabular.

Passado algum tempo, a avó foi ao encontro dos ancestrais e Betina ficou com o presente que sua avó lhe deu com tanto amor, um presente imaterial que ela iria ter, até ir encontrar os ancestrais também. Betina cresceu e se tornou cabeleireira, montou um salão de beleza, cuidando e trançando o cabelo de todos, e, tornando-se referência no trançar dos cabelos, foi chamada para dar palestra em escolas. Aqui também encontro confluências com a Betina da tese, que realizou congressos, festas, desfiles, palestras e ações de promoção da identidade negra, através dos cuidados com o cabelo, entrando para a agenda política do movimento negro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos corpos, histórias, símbolos, culturas... ainda são utilizados pela branquitude como forma de enriquecimento, sempre que vou a Feira Nacional de Negócios do Artesanato - Fenearte, que acontece em Pernambuco todos os anos, espanto-me com a quantidade de artes produzidas por artistas brancos utilizando-se da estética negra (corpo, cabelo, cultura, vestimenta), e sempre fico com a impressão que são os que mais vendem, pois, esses espaços sempre estão lotados de clientes. Já os estandes que são de pessoas negras, produzindo artes com a estética delas, não apresenta tanta procura assim de clientes, muitas vezes sendo visitados pelos clientes ativistas que como eu só adquirem produtos de nossa estética de artistas de nosso povo.

Enfim, o processo de nos tirar de nós mesmos, pra que eles lucrem com isso, não se encerrou com o fim da escravidão, ao meu ver vem se intensificando, ao ponto de uma pessoa de fenótipo branco se auto descrever enquanto pessoa negra, como se nossa identidade pudesse

ser roubada quando e como eles querem. Quando para nós é tão cara a construção dessa identidade, precisamos tomar consciência sobre nós mesmos, positivar nossa identidade que foi dilapidada ao longo dos séculos, Neusa Santos afirma (p. 115) que “ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência... Ser negro não é uma condição dada. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

Nesse processo de tornar-se negro, vamos nos construindo e nos percebendo diante do contexto social que marginaliza, exclui, dificulta acesso e prende mentes e corpos negros, se tornar negro é se auto curar, curar-se coletivamente e ter suas cicatrizes amostra prestes a ser aberta por mais um ato de racismo que acontece todos os dias.

Assim retomo a Cuti, que sistematiza a literatura negro-brasileira e afirma que literatura é uma forma de resistência, revelando a subjetividade negra e enfrentando o racismo estrutural, como também retorno a Cândido, que afirma que a literatura é um bem incompressível, na qual a literatura pode ser um instrumento de desmascaramento das injustiças sociais, negação de direitos, como a miséria e a opressão. Porém, como a literatura voltada para as infâncias podem tratar dessas temáticas inerentes ao povo negro? Trago então a reflexão de Ramos, que afirma: “a principal aliada em uma consolidação da literatura infantil negra para além das políticas educacionais será a adoção desta literatura como espaço de resistência, mas sem o esvaziamento de sua literacidade” (Ramos, p. 236).

Portanto, podemos compreender que a literatura realizada por mulheres ativistas que trazem em seus textos posicionamentos contra o racismo, não só contribuem para o fortalecimento de uma parcela grande de nossa população como também consegue fabular, encantar, mesmo tratando de temas doloridos. Assim, escritoras ativistas como Nilma Lino Gomes, transformam suas palavras em ações em prol de uma luta anterior à nossa, uma luta que começa desde o tráfico negreiro transatlântico.

REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. *Nossos Feminismos Revisitados*. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 458, 1995. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019 [2003].

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. **Análise de Conteúdo**: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17–31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 22 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrações: Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3ª ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador, saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2017.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suelly Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2012.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara S. P. *Revisões de literatura*. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CONDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RAMOS, Samira dos Santos. *Problemas de uma literatura infantil negra*. In: SILVA, Emãnuel Luiz Souza e; GUIMARÃES, Maristela Abadia; RAMOS, Samira dos Santos (Org.). **Fronteira plural**: tratado antirracista, representações e resistências em Mato Grosso. Curitiba: CRV, 2021. p. 231-247.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales caminando y preguntando: notas a Paulo Freire desde Abya Yala. In: **Entramados**: educación y sociedade, n° 1, 2014, p. 17-30. Disponível em <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/entramados/article/view/1075>. Acesso em 11/nov/2025.